

Programa desperta a cultura

Os moradores de Cabo Gato e Chão de Estrelas realizarão no próximo dia 20 – Dia Nacional da Consciência Negra – o “Desperta Povo II”, evento que tem o intuito de resgatar valores esquecidos da própria comunidade e desenvolver a cultura popular, com o apoio da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes e Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Fundarpe.

O “Desperta Povo II”, a exemplo do primeiro, realizado em 25 de setembro último, reunindo e evidenciando valores culturais esquecidos como o Guerreiro, o Reisado, o Pastoril, o Coco-de-Roda, etc., contará com uma extensa programação, que terá início às 9 horas, com a inauguração da “Rádio Quilombo dos Palmares”, de Chão de Estrelas.

A idéia de promover esses eventos, segundo Ovídio Ferreira de Paula, presidente da Associação de Moradores de Chão de Estrelas, surgiu a partir do seminário de cultura popular, organizado pelas comunidades de Cabo Gato e Chão de Estrelas, quando os moradores descobriram nessas comunidades diversos artistas que não tinham como viver de sua arte, nem como passar seus conhecimentos para as gerações mais novas.

Depois do seminário, começaram a organizar grupos de ciranda, capoeira, repentistas, mamulengo, quadrilha, reisado, pastoril, danças folclóricas em geral, xangô, sanfoneiros, palhaços, artistas circenses, imitadores, compositores musicais e poetas declamadores.

Em documento extraído neste seminário, os moradores de Cabo Gato e Chão de Estrelas salientam a necessidade de se conhecer os valores culturais do povo, bem como sua maneira de viver, de se comunicar e de lutar, pois, com a sobrevivência cada dia mais difícil a sabedoria do povo – a cultura popular autêntica – tem deixado de passar de uma geração para outra. Para ele, “a fome, o desemprego, as dificuldades de vida e a manipulação dos meios de comunicação são os instrumentos mais usados pelo sistema para desmantelar os grupos sociais”.

Negros promovem o dia da consciência

O dia nacional da consciência negra vem aí. E para comemorar o símbolo da luta dos negros do quilombo dos Palmares, o conselho de entidades negras de Pernambuco, – Cenpe – promove a partir de amanhã até o dia 20, uma série de eventos em Recife e Olinda, reunindo cerca de 10 entidades da manifestação da cultura afro-pernambucana.

Segundo representantes do Cenpe, entidade que luta contra as discriminações da raça negra, desenvolvendo um processo de conscientização através das diversas manifestações que promove, o objetivo das comemorações é reverenciar justamente isso: “os cem anos de luta dos negros Palmarinos contra o regime escravocrata de trabalho em que se fundava a economia colonial”. O 20 de novembro, dia do assassinato de Zumbi dos Palmares é escolhido como símbolo de luta.

A homenagem inicia-se amanhã, com uma caminhada política cultural pelo centro do Recife a partir das 16hs, partindo da frente da Faculdade de Direito, na Rua do Riachuelo. O mesmo acontece no domingo, dia seis, desta vez nos Torrões, à Rua do T'aió, às 20 horas. Na próxima semana, haverá caminhadas na sexta-feira, dia 11, na comunidade de Campina do Barreto, em Água Fria, mais precisamente no córrego de São Sebastião, às 19 horas.

Sábado (dia 12) as comemorações acontecem no Alto José do Pinho, no córrego do Cotó a partir das 19h30m. Quinta-feira, dia 17, tem atividade política cultural na Vila Ouro Preto Embrião, e no Bom Sucesso, em Olinda às 20 horas. Sexta-feira, dia 18, é o dia do sambão da consciência negra, às 22 horas no Grêmio Recreativo Escola Gigante do Samba, e encerrando as comemorações, acontece no domingo dia 20, a caminhada no centro de Olinda a partir das 10 horas saindo do Largo do Amparo.

NOITE NO QUILOMBO

Toda a magia da arte e da beleza negras estarão no salão do **Noites Olindenses** com a apresentação do Balé Arte Negra, Afoxé Ylê de Ègba, Maracatu Cruzeiro do Forte e a Orquestra do maestro Duda com todos os boleros, merengues, tangos, rumbas e forrós que você tem direito. A festa, feita em conjunto com o Conselho de Entidades Negras de Pernambuco dentro das atividades comemorativas do Dia Nacional da Consciência Negra, terá início às 23 horas e contará ainda com a realização de uma feirinha de artes e comidas de origem afra.



Balé Arte Negra no “Noites Olindenses”: muito axé

Balé revive história negra

O Balé de Cultura Negra do Recife estará se apresentando, de 17 a 27 deste mês, no Teatro José Carlos Cavalcanti Borges, no Dérbi, contando a história do negro. O espetáculo, que tem duração aproximada de duas horas, vai contar através do canto e da dança o nascimento, a religião, o acasalamento, a agricultura, a caça, a guerra e as lendas de Oxun (deusa do ouro) dentro de um quilombo.

Fundado em 1985, o grupo Balé de Cultura Negra do Recife (Bacnere) já fez diversas apresentações no Recife e outras capitais do Nordeste, levando sempre à discussão o tema da liberdade dos negros. Nessa temporada do teatro José Carlos, cujo tema será "Frutos da Abolição", a órbita/enredo será caracterizada pela cadência forte de seus ritmos, destacando o trabalho do coreógrafo Ubiracy Barbosa Ferreira, que combina um jogo de gestos e formas que deixam à mostra uma expressividade singular e uma sensualidade somente vistos naqueles que ajustam o corpo à medida exata da pele negra.

Segundo o coreógrafo Ubiracy Ferreira, "dançando vivemos o real de cada um. O amor,

presente nesse trabalho é a forma sublime de cada ser, pois trabalho, sobrevivência e os movimentos corporais vistos durante os saltos, nada mais são do que a defesa constante e insuperável para sobreviver. O conflito e as lutas existem, mesmo assim, conseguimos harmonia para dançar e viver.

O grupo de danças, que esteve ontem na Redação do DP, com Luciene Silva, Joab Ferreira da Silva (ambos são relações públicas e dançarinos) além de Sérgio Pedro e Ana Cristina - acentuaram que é um verdadeiro espetáculo da dança e da história negra, visto que na dança e no canto se reverenciam as Nações Nagô, Angola, Kêto, Jejê e Ijexa. Nesse tema, "Frutos da Abolição" ressaltamos que "as raízes da raça foram enterradas no chão e clamam pela igualdade. Nós, os contemporâneos - ressaltam os membros do grupo - em tom solene, declaramos a continuidade dessa luta contra o racismo, contra a fome, o desemprego e a falta de apoio à cultura (a nossa cultura), ao analfabetismo, falta de moradia, pela melhoria do ensino e, também, nos 100 anos de lutas dedicados à conquista e ao direito de viver, nos colocamos todos juntos.

ARTES CÊNICAS | VALDI COUTINHO



O espetáculo permanecerá em cartaz de quinta a domingo, sempre às 21 horas

“Frutos da Abolição” estréia no José Carlos

Frutos da Abolição. Este é o título do mais novo espetáculo do Balé de Cultura Negra do Recife que estréia amanhã no palco do Cineteatro José Carlos Cavalcanti Borges, onde permanecerá até o dia 27 deste mês, de quinta a domingo, sempre às 21 horas, numa promoção do Instituto de Assuntos Culturais da Fundaj.

Sob a direção do pesquisador, professor e coreógrafo Ubiracy Ferreira o espetáculo é, na verdade, a união de três outros montados anteriormente pelo grupo e mostra toda a expressividade da arte negra.

Mas o Bacnaré não se limita apenas a mostrar e divulgar a “dança afro”. Seus integrantes são estimulados à pesquisa. “Em 1954 – diz Ubiracy – o preconceito da socie-

dade ante a cultura e arte negra foi o grande obstáculo a superar. Hoje, para obter informações precisas, eu frequento rituais de origem afro, visito comunidades negras, enfim, tento captar todo o possível sobre o passado cultural do negro no Brasil”.

“A cultura afro que temos desenvolvida entre nós – continua o professor e coreógrafo – é rica e vasta em seus ritmos fortes, movimentos cadenciados acompanhados do instrumental de percussão. Trabalha-se muito os ritmos gueto, nagô, angola, xambá, gege. Eles têm o nome de suas nações e cada um possui seu próprio ritmo. Inclusive seus ritmos religiosos se diferem entre si nos nomes, nas cores que significam a energia dos orixás representativos de suas religiões”.

O negro como personagem e ator: um debate para agitar os meios teatrais do Recife

Com o objetivo de percorrer a trajetória do negro na dramaturgia brasileira, desde o século XIX, passando por diversas escolas e fases, o Instituto de Assuntos Culturais da Fundaj, localizado na Rua Henrique Dias, 609, no Derby, promoverá hoje e nos dias 23 e 30, às 19 horas, três encontros sobre **O negro na dramaturgia Brasileira**.

Segundo o teatrólogo Rubem Rocha Filho, além de mostrar autores brasileiros tratando o negro, os três encontros proporcionarão também a oportunidade de discutir a posição do negro em nossa sociedade, do ponto de vista do palco, na ótica do teatro - que, se por um lado reflete a realidade social de um povo, também devolve a sua imagem, ampliando seus conflitos.

A série de palestras, que será semi-estruturada por trechos de peças, começará com Martins Pena e o teatro de variedades do Brasil do Primeiro Império, onde uma sociedade escravocrata apresenta o negro como parte do cenário, como um dado documental no cotidiano da cidade, sem centralizar a trama das peças.

- Depois vem obras de autores mais conhecidos em outras áreas - explica o diretor teatral Rubem Rocha Filho - como Castro Alves ou José de Alencar, mas que também escreveram para o teatro. A luta pela abolição da escravatura fez com que tanto o poeta como o romancista utilizassem o teatro como arma para comover a plateia.

FORMAÇÃO SOCIAL

Ressalta Rubem Rocha Filho que na tragédia histórica **Gonzaga ou a Revo-**

lução de Minas, Castro Alves enfatiza muito o drama da escravidão, "mostra como a traição e a delação estão relacionadas com a terrível deformação social que é a condição do escravo, do qual tiram a responsabilidade ao tirarem a liberdade. José de Alencar em duas peças **Mãe** e **O Demônio Familiar** também denuncia as práticas cruéis da escravidão e usa como material de propaganda os valores burgueses do melodrama, isto é, explora os laços de família por mostrar que a escravidão é uma prática abominável".

- Mas é com Artur de Azevedo, na burleta **O Barão de Pituaçu** que o século XIX usa a personagem do negro no teatro para denunciar não só a escravidão mas todo o preconceito racial e social. É uma peça nos moldes das burletas muito engraçadas que Artur Azevedo criou, como **A Capital Federal**, e denuncia através do riso.

No entender de Rubem Rocha Filho, neste século, o teatro de revista tem muito a ver com as personagens negras, com a presença marcante de um verdadeiro gênio do palco e do cinema que é Grande Othello. "No mundo do circo, também a presença negra é muito grande, com um palhaço famosíssimo em seu tempo Benjamim de Oliveira, mas que precisava muitas vezes se pintar de branco para interpretar seus papéis. Nelson Rodrigues, o maior dramaturgo brasileiro, foi quem introduziu a problemática do negro no nível mais profundo, poético e trágico em sua peça **O Anjo Negro**. Uma tragédia expressionista de 1946, que foi interdita pela censura e que mostra a obsessão sexual e

a culpa na relação conjugal entre a esposa branca Virgínia e o marido negro Ismael. É uma peça fortíssima, de grande beleza, e que questiona a própria identidade do negro no mundo dominado pela cultura branca". Abdias do Nascimento foi o fundador do Teatro Experimental do negro, na década de 40, e para ele escreveram peças, autores do nível de um Lúcio Cardoso. Além de que Abdias enfrentou o problema do negro como ator, isto é, exigia elencos negros para suas montagens.

Depois, já no terceiro encontro, no dia 30, o público recifense terá oportunidade de rever obras antológicas como *A Compadecida*, de Ariano Suassuna e seu Cristo Negro; o bandido do morro carioca tomando consciência de sua força política no *Pedro Mico*, de Antônio Callado. E por fim um Zumbi cantado pelo Teatro de Arena com Guarnieri e Boal.

A série de palestras ilustradas encerrará sua análise da dramaturgia brasileira focalizando os teatros de rua, nas periferias das cidades grandes e a utilização do elemento negro nestas peças escritas para consumo imediato.

Para Rubem Rocha Filho, esta série de palestra se constituirá numa oportunidade única para examinarmos um aspecto único na dramaturgia brasileira, até então nunca estudado. "Sabemos tão pouco de nossos autores teatrais,

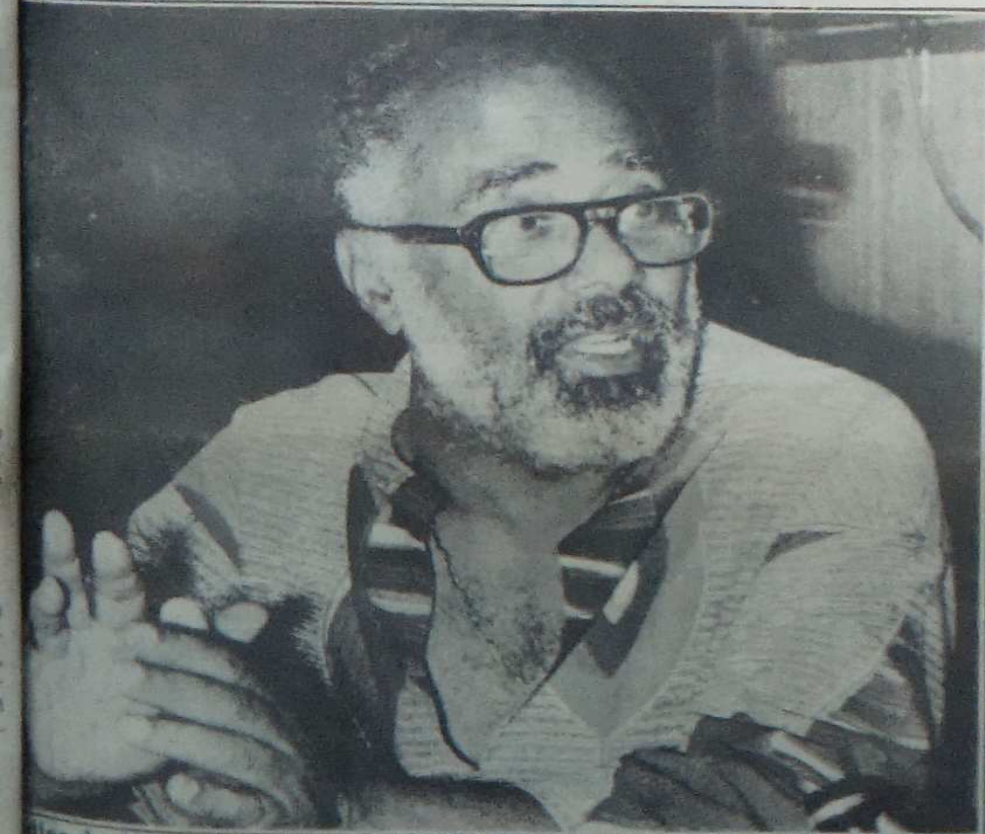
ainda mais num aspecto que é em si mais marginalizado ainda. Basta vocês imaginarem que na estréia de um *Pedro Mico*, foi preciso pintar de preto o ator Milton Moraes, como se no Brasil não houvesse atores negros, como se nosso teatro fosse feito na Suécia".

A promoção do Instituto de Assuntos Culturais da Fundação Joaquim Nabuco tem a característica de envolver atores muito conhecidos, como Geninha da Rosa Borges, Reinaldo de Oliveira, Carlos Carvalho, Stella Saldanha, Eduardo Diógenes e alunos dos cursos de formação de ator da Fundaj.

- Será um convívio muito proveitoso e útil, uma troca de experiência muito boa. Na série do negro na Dramaturgia Brasileira, teremos ainda a oportunidade de recorrer a atores negros do Recife, gente de imenso talento, e que tem pouca oportunidade de trabalho porque justamente o nosso teatro traduz os preconceitos de nossa sociedade. Assim - conclui Rubem Rocha Filho - teremos a colaboração de Ivone Cordeiro, Pietra Alves, Marlene Cavalcanti, José Brito, Roberto Vieira, Toni Lira e outros. Fazemos um convite especial aos grupos envolvidos na discussão de aspectos da cultura negra em nossa terra. As peças estudadas muitas vezes têm menos méritos teatrais do que sociológicos, valem mais pelos tópicos que levantam sobre a posição do negro em nossa sociedade.



O teatrólogo, ator e diretor teatral Rubem Rocha Filho será o coordenador da promoção



...ias do Nascimento foi o fundador do Teatro Experimental do Negro

Espetáculo de dança estréia no José Carlos: “Frutos da Abolição”

Sob a direção do professor e coreógrafo Ubiracy Ferreira estréia às 21 horas, no Cineteatro José Carlos Cavalcanti Borges, **Frutos da Abolição** com o Balé de Cultura Negra do Recife, dando assim continuidade às comemorações do primeiro centenário da Lei Áurea.

O espetáculo é a união de três outros montados anteriormente pelo grupo, onde a reunião de **Olorum Axé, Povo e Raiz e Quilombo – Nação, Nação Quilombo** deixa à mostra a expressividade singular da arte negra representada por bailarinos, em sua maioria negros.

O Balé de Cultura Negra do Recife tem grande experiência. Apresentou-se nos teatros de Santa Isabel, Barreto Júnior e Praça da Saudade. Participou do projeto Dança para Todos, em Santo Amaro, que a Fundação de Cultura da Cidade do Recife promoveu e em outras comemorações ocorridas entre 1985 e 1987, não apenas aqui como em várias outras cidades pernambucanas e de outros Estados do Brasil.

Fundado em 1985, o Bacnaré além de fazer exposições públicas realiza pesquisas sobre o negro. Para tanto, seu diretor Ubiracy Ferreira percorre as estradas brasi-

leiras, freqüenta rituais de origem afro, visita comunidades negras, enfim, tenta captar tudo o que possa servir de subsídio sobre o passado cultural dos negros do Brasil.

Frutos da Abolição perma-

3
necerá em cartaz no Cineteatro José Carlos Cavalcanti Borges de quinta a domingo, sempre às 21 horas, e é uma promoção do Instituto de Assuntos Culturais da Fundação Joaquim Nabuco. **Inês Cunha.**



Uma cena do espetáculo que mostra a expressividade singular da arte negra através dos experientes dançarinos do Balé de Cultura Negra do Recife

o grupo apre-
sentação de canções
na temporada
do Brasil (no
se exibirá no
tribunando um
m Português
compreensão,
o, necessária
para que o
encie a quali-



ange Bar-
rivellaire
musical in-

uma criação
ca Tapa na
da Festim e
eder, coreo-
cenário de
os de Mar-
ão de Carla
ela Ramos,
Cruz, Leila
mo, Sérgio
olange Bar-

Espectáculo de dança estréia no José Carlos: "Frutos da Abolição"

Sob a direção do professor e coreógrafo Ubiracy Ferreira estréia às 21 horas, no Cineteatro José Carlos Cavalcanti Borges, **Frutos da Abolição** com o Balé de Cultura Negra do Recife, dando assim continuidade às comemorações do primeiro centenário da Lei Áurea.

O espetáculo é a união de três outros montados anteriormente pelo grupo, onde a reunião de **Olorum Axé, Povo e Raiz e Quilombo - Nação, Nação Quilombo** deixa à mostra a expressividade singular da arte negra representada por bailarinos, em sua maioria negros.

O Balé de Cultura Negra do Recife tem grande experiência. Apresentou-se nos teatros de Santa Isabel, Barreto Júnior e Praça da Saudade. Participou do projeto **Dança para Todos**, em Santo Amaro, que a Fundação de Cultura da Cidade do Recife promoveu e em outras comemorações ocorridas entre 1985 e 1987, não apenas aqui como em várias outras cidades pernambucanas e de outros Estados do Brasil.

Fundado em 1985, o Bacnaré além de fazer exibições públicas realiza pesquisas sobre o negro. Para tanto, seu diretor Ubiracy Ferreira percorre as estradas brasi-

leiras, freqüenta rituais de origem afro, visita comunidades negras, enfim, tenta captar tudo o que possa servir de subsídio sobre o passado cultural dos negros do Brasil.

Frutos da Abolição perma-

necerá em cartaz no Cineteatro José Carlos Cavalcanti Borges de quinta a domingo, sempre às 21 horas, e é uma promoção do Instituto de Assuntos Culturais da Fundação Joaquim Nabuco. **Inês Cunha.**



Uma cena do espetáculo que mostra a expressividade singular da arte negra através dos experientes dançarinos do Balé de Cultura Negra do Recife

ap
ju
pa
de
ha
ga
m
de
de
or
du
ce
te
pe
ra
a
p
a
h
d
se
p
e
c
v
a
d
n
e
d
g
fe
u
c
v
à
du
ra
er
d

RACA E FORÇA

Todos os domingos, a partir das 20 horas, o balé África-Brasil está apresentando no Hotel Quatro Rodas, em Olinda, o espetáculo **Raça e Força**, que mostra a vida do negro africano e seus descendentes no Brasil. Este é dividido em inúmeros tópicos como a entrada do negro no Brasil, a escravidão, o engenho, a religião, as contribuições do negro na agricultura e, em especial, no cultivo da cana-de-açúcar; os anseios pela liberdade, a capoeira, o maculelê, o quilombo, o negro e suas danças, seus místicos orixás, sua culinária e, finalmente, seus folguedos, como o maracatu. A concepção do espetáculo é de André Gomes, com direção geral de Alaíde Gomes e artística de Eduardo Gomes. No elenco, entre outros nomes, Betânia Arcanjo, Fábio Correia, Jamessom Ferreira, Roberto Guibom e Sandra Gomes.

Comunidades resgatam a cultura negra no domingo

Com a finalidade de resgatar valores esquecidos da comunidade e estimular a cultura popular, os moradores de Cabo Gato e Chão de Estrelas promovem, domingo, Dia Nacional da Consciência Negra - o Desperta Povo II, em frente ao Colégio São Judas Tadeu, na Campina do Barreto. Para isso contam com o apoio da Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes e da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco - Fundarpe.

O evento terá início às nove horas, com a inauguração da Rádio Quilombos dos Palmares e depois se apresentam mamulengos, artistas circenses, cirandas, quadrilhas, sanfoneiros, grupos de capoeira, guerreiro, xangô, reisado, pastoril, cantores, compositores, imitadores, poetas declamadores, entre outros. Além disso, o Desperta Povo II contará com uma programação especial para as crianças, com sessão de pinturas, banho de neblina com um carro-pipa do Corpo de Bombeiros, arrastão da cobra, exposição de fotografias e exibi-

ção de vídeos sobre a luta das comunidades de Cabo Gato e Chão de Estrelas por seus direitos.

A idéia de promover estes eventos - o primeiro foi realizado em setembro - surgiu a partir do seminário de cultura popular que as comunidades de Cabo Gato e Chão de Estrelas organizaram, quando descobriram que diversos artistas não tinham como viver de sua arte, nem tampouco como transmitir conhecimentos para as gerações mais novas, segundo relatou Ovídio Ferreira de Paula, presidente da Associação de Moradores de Chão de Estrelas.

Segundo ele, desde então começaram a se reorganizar os grupos artísticos da comunidade que se apresentam no Desperta Povo e a meta é fazer com que estes eventos aconteçam regularmente, sempre em localidades diferentes, de maneira a deixar um embrião desse trabalho em todas as comunidades que se identifiquem com a aspiração de valorizar a cultura popular.

“Abolição”, uma reflexão sobre a Lei Áurea, no 13

Desde o descobrimento do Brasil, com a chegada dos negros que formaram a nossa mão-de-obra escrava, as raízes africanas começaram a ser implantadas no país. Base da economia brasileira, os negros trabalharam nos engenhos de açúcar, nos currais de gado, na mineração, trazendo sua força física e toda uma cultura que ao longo do tempo tem sofrido transformações.

Neste ano em que se completa o centenário da abolição da escravatura, é interessante fazer uma reflexão sobre o que foi a abolição e a real situação do negro brasileiro. Essa é a proposta de *Abolição*, minissérie com roteiro de Walter Avancini e Wilson Aguiar Filho, texto de Wilson Aguiar Filho e colaboração de Joel Rufino dos Santos, que estréia às 22h30m, indo ao ar em quatro episódios, até o dia 25.

Abolição se concentra nos momentos que antecedem a Lei Áurea. Nos centros urbanos, o tema abolicionista era amplamente discutido, e

nas áreas rurais as relações escravagistas eram intensamente vividas. No meio desse processo, a comunidade negra também se dividia entre aqueles que acreditavam numa solução pacífica e os que viam que o único caminho para a conquista da liberdade era da violência. Entremendo a reconstituição histórica com fios de ficção, *Abolição* traz novamente à lembrança fatos bastante esquecidos por todos nós.

Esta é a primeira minissérie com base histórica de Walter Avancini, que mais uma vez demonstra sua visão personalíssima ao transformar um fato histórico numa obra ficcional, permitindo assim uma visão mais profunda da questão abolicionista.

- Desde 1975, com o *Caso Verdade* - explica o diretor -, que venho exercitando essa linguagem em que realidade e ficção caminham juntas. Ou seja, crio uma base ficcional para conduzir a realidade, porque não temos condições de contar simplesmente a his-

tória sem dramatizá-la, em nosso país. Os fatos históricos são colocados de forma muito inquestionável e só com a ficção ganhamos espaço para analisar o comportamento humano dos personagens da nossa história.

Para realizar a façanha de tocar num tema tão polêmico, Avancini cercou-se de Wilson Aguiar Filho, do historiador Chico Alencar, de Joel Rufino dos Santos, um escritor negro, e da lingüista Íris Gomes da Costa, que desde *Grande Sertão: Veredas* tem assessorado o diretor. Com esta equipe formada, o diretor partiu para a minissérie, um projeto que traça um painel do Brasil pré-abolicionista. Na parte rural, a forte influência européia. Nos centros urbanos, o clima revolucionário. E entre os negros, as posições que estavam se conflitando, uma pacifista e outra guerreira. Desta forma, Avancini foi determinando núcleos dramáticos, criando uma linha ficcional que evoluía paralelamente à realista.

Caderno de Educação é dedicado ao negro

Quando falta pouco mais de um mês para o término do ano em que se comemorou o centenário da abolição da escravatura no Brasil, a Prefeitura do Recife, através da Secretaria de Educação, lança a revista *Cadernos de Educação Municipal*, cujo primeiro número é dedicado à questão do negro no Brasil. A produção de alunos, professores e técnicos da rede municipal tem o apoio do Minc e será lançada, na próxima terça-feira, às 19h30m na Galeria Metropolitana Aluísio Magalhães.

“Passados 100 anos, o negro continua sendo tratado como um indivíduo de segunda classe pela sociedade brasileira. Essa questão nos obriga a uma reflexão, embora saibamos que, na nossa vida diária, são poucas as vezes que nos dedicamos a pensar sobre o tema, embora o Brasil seja o segundo maior país do mundo em população negra, perdendo apenas para a Nigéria. Os dados fornecidos pelo censo de 1980 atestam que, 45% da população brasileira é negra ou de origem negra”, enfatizou Edla Soares, secretária de Educação da Prefeitura do Recife.

EXEMPLAR

O primeiro exemplar da revista *Cadernos de Educação Municipal* apresenta o trabalho que foi feito por alunos, professores, coordenadores e técnicos da rede municipal de ensino do Recife, Cabo, Itambé e Olinda. “A coletânea de artigos nos mostra de forma bem transparente

que o negro ainda não conseguiu ser tratado como um cidadão, continua a ser discriminado, sua ascensão social foi muito pequena”, argumentou Edla Soares.

Nos manuais escolares poucas páginas são dedicadas ao tema, e, portanto, com o início da administração Jarbas Vasconcelos, começou a se desenvolver na rede municipal um trabalho que teve como tema central a discussão de como a escola pode contribuir para a transformação da sociedade, procurando incluir no currículo, como eixo, a questão das relações sociais e das relações dos homens com a natureza.

“Os avanços foram considerados em relação à questão negra que passou a ser articulada com a sociedade civil, através dos movimentos sociais, com discussões, palestras”, avaliou Edla Soares.

INDAGAÇÕES

Para ela, através deste trabalho, que marca o lançamento da revista *Cadernos de Educação Municipal*, a escola pública descobriu o negro. Um passo substancial para o reconhecimento do cidadão.

Edla Soares cita um trecho de um trabalho de sua autoria, publicado na revista: “... Os meninos dizem que sou negro. A professora fala: de alma e coração brancos. Os documentos dizem que sou pardo. Meus pais alegam-se com as semelhanças que tenho com o meu pai avô... Afinal, o que sou: Negro Pardo? Branco? Onde está o cidadão?”